



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

DOSSIÊ | Narrativas (Auto)Biográficas em Processos Formativos

Trajetórias de jovens mulheres marajoaras: perspectivas e desafios na continuidade dos estudos

Trajectories of Young Marajoara Women: Perspectives and Challenges in Continuing Education

Trayectorias de jóvenes mujeres marajoaras: perspectivas y desafíos en la continuidad de los estudios

Angélica Paula Ferreira Gomes
Lucélia de Moraes Braga Bassalo

RESUMO

Este estudo apresenta a trajetória biográfica de duas jovens mulheres da Ilha do Marajó, com o objetivo de analisar as experiências, dificuldades e desafios enfrentados na tentativa de dar continuidade aos estudos após a conclusão do Ensino Médio. Adotou-se uma abordagem qualitativa, com enfoque fenomenológico, utilizando entrevistas narrativas e o método documentário como procedimentos metodológicos. Os resultados revelam que as jovens vivenciaram diversos desafios relacionados a fatores acadêmicos, sociais, familiares, econômicos e pessoais, os quais influenciaram os caminhos seguidos após o Ensino Médio.

Palavras-chave: trajetórias; experiências; jovens mulheres; educação.

ABSTRACT

This study presents the biographical trajectory of two young women from Marajó Island, with the aim of analyzing the experiences, difficulties, and challenges they faced in their attempts to continue their studies after completing high school. A qualitative approach, with a phenomenological focus, was adopted, using narrative interviews and the documentary method as methodological procedures. The results reveal that the young women experienced various challenges related to academic, social, family, economic, and personal factors, which influenced the paths they followed after completing high school.

Keywords: trajectories; experiences; young women; education.

RESUMEN

Este estudio presenta la trayectoria biográfica de dos jóvenes mujeres de la Isla de Marajó, con el objetivo de analizar las experiencias,

dificultades y desafíos enfrentados en el intento de continuar sus estudios tras la finalización de la educación secundaria. Se adoptó un enfoque cualitativo, con perspectiva fenomenológica, utilizando entrevistas narrativas y el método documental como procedimiento metodológico. Los resultados revelan que las jóvenes vivieron diversos desafíos relacionados con factores académicos, sociales, familiares, económicos y personales, los cuales influyeron en los caminos seguidos después de la Educación Secundaria.

Palabras-clave: trayectorias; experiencias; jóvenes mujeres; educación.

Introdução

A conclusão do Ensino Médio representa um marco significativo na vida dos jovens estudantes, caracterizado por expectativas, incertezas, dificuldades e desafios. A partir desse momento, diferentes trajetórias podem se desenhar, nem sempre de forma linear, sendo fortemente influenciadas por fatores sociais, econômicos e culturais que interferem nas escolhas e na construção de projetos de vida.

Na Ilha do Marajó, a ausência ou a insuficiência de políticas públicas repercute diretamente nos caminhos seguidos pelos jovens após a conclusão dessa etapa. Sem o suporte necessário, muitos enfrentam obstáculos que comprometem seus percursos acadêmicos, pessoais e profissionais. Compreender essas experiências requer, portanto, considerar tanto as limitações impostas pelo contexto em que vivem quanto as estratégias mobilizadas para dar continuidade à sua formação.

Este estudo foi realizado em São Sebastião da Boa Vista, município localizado na Ilha do Marajó, no Estado do Pará, com cerca de 25.643 habitantes (IBGE, 2022). Apesar das transformações demográficas, estruturais e sociais ocorridas desde a emancipação, em 1982, persistem desafios significativos, entre os quais se destacam a escassez de oportunidades de estudo, trabalho e lazer. Esse cenário contribui para que parte dos jovens migre para outras localidades em busca de formação e melhores condições de vida.

Em São Sebastião da Boa Vista, a Educação Básica é assegurada exclusivamente pela rede pública, enquanto a Educação Superior se restringe ao polo da Universidade Aberta do Brasil (UAB) e a instituições particulares, cuja

oferta presencial é limitada devido à baixa demanda, tornando o ensino a distância a modalidade predominante. Esse cenário reduz as possibilidades de continuidade dos estudos no próprio município e reforça a necessidade de políticas que ampliem as oportunidades educacionais e profissionais dos jovens.

A partir desse panorama, este artigo analisa as narrativas de duas jovens marajoaras, uma universitária e uma técnica em radiologia, com o objetivo de compreender experiências, dificuldades e desafios enfrentados nas trajetórias após a conclusão do Ensino Médio, com base em dados de uma pesquisa realizada em 2022¹. Por meio da análise comparativa, buscou-se identificar semelhanças e diferenças entre as trajetórias das participantes, evidenciando um modelo de orientação denominado “inconstância”, que expressa aspectos de suas visões de mundo e se relaciona às condições sociais e econômicas que atravessaram seus percursos acadêmicos, pessoais e profissionais.

Procedimentos Metodológicos

Este estudo caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, uma vez que os fenômenos investigados envolvem dimensões subjetivas, simbólicas e relacionais que não podem ser plenamente quantificadas. Essa perspectiva metodológica possibilitou compreender as experiências, dificuldades e desafios vivenciados pelas participantes em suas trajetórias após a conclusão do Ensino Médio, considerando os significados, motivos, valores e atitudes que orientavam suas escolhas e ações (Minayo, 1994).

Voltada à compreensão dos fenômenos a partir das experiências de jovens mulheres marajoaras, a pesquisa fundamentou-se na Fenomenologia Social, cuja atenção recai sobre aquilo que é dado na experiência, sem a intenção de determinar se corresponde a uma realidade ou a uma aparência. Nesse sentido, foram considerados os relatos das participantes, suas percepções e opiniões, visando compreender como interpretavam as próprias trajetórias (Weller; Zardo, 2013).

¹ Dissertação de Mestrado intitulada “Os sentidos da experiência escolar de jovens mulheres boa-vistenses”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará.

A coleta dos dados foi realizada por meio de entrevistas narrativas, técnica qualitativa que possibilitou explorar as experiências das participantes. Sandra Jovchelovitch e Martin Bauer (2002) caracterizam esse procedimento como uma ferramenta não estruturada, capaz de estimular os sujeitos a narrar acontecimentos significativos de suas vidas e dos contextos sociais em que estão inseridos. Por meio da narrativa, as jovens marajoaras rememoraram acontecimentos e estabeleceram relações entre diferentes dimensões de seus percursos.

Na pesquisa narrativa, as modalidades biográficas e a autobiográfica apresentam diferenças quanto à forma como as trajetórias são abordadas e a posição ocupada por quem produz o relato. Enquanto a primeira se caracteriza pelo olhar do pesquisador, que investiga e reconstrói a trajetória de um determinado sujeito, a segunda é produzida pelo próprio sujeito, que narra sua história a partir de experiências e percepções.

Neste estudo, embora a análise tenha sido realizada pelas pesquisadoras, as narrativas são caracterizadas como autobiográficas, pois as participantes narraram as próprias trajetórias e as experiências que as constituíram, atribuindo sentidos aos acontecimentos. Essa caracterização aproxima-se da abordagem biográfica proposta por Elizeu Souza (2007), tomada, no contexto de sua pesquisa, como “narrativa autobiográfica do itinerário escolar”. O autor parte do “sentido das experiências e significados vividos pelo sujeito-narrador”, compreendendo-o como “sujeito portador e construtor de saberes, a partir de suas vivências individual e coletiva” (p. 83).

A análise das entrevistas, orientada pelo método documentário, desenvolvido por Karl Mannheim e operacionalizado por Ralf Bohnsack, foi realizada em duas etapas articuladas: interpretação formulada e interpretação refletida. Na primeira, procedeu-se à organização dos temas abordados, à seleção das passagens a serem examinadas e à análise do sentido imanente. Essa leitura permitiu sistematizar o conteúdo das narrativas, sem recorrer, nesse momento, aos conhecimentos das pesquisadoras sobre o grupo ou o contexto investigado (Weller *et al.*, 2002).

A interpretação refletida, por sua vez, voltou-se ao sentido documentário, buscando reconstruir o quadro de orientação que fundamentava as falas e as ações das participantes. Para isso, foram examinados a organização do discurso

e os conteúdos desenvolvidos ao longo das entrevistas, com o propósito de identificar padrões de orientação e aspectos homólogos entre os casos. A análise comparativa das narrativas possibilitou reconhecer semelhanças e contrastes entre as participantes e, a partir dessas aproximações e diferenças, construir um modelo de orientação, posteriormente denominado “inconstância” (Weller *et al.*, 2002).

Este artigo focaliza as narrativas de duas jovens marajoaras: Maria, de 26 anos, universitária; e Bete, de 23 anos, técnica em radiologia. Ambas concluíram o Ensino Médio em São Sebastião da Boa Vista, em 2014 e 2015, respectivamente. A escolha desses casos esteve relacionada à densidade e ao desenvolvimento das narrativas, bem como às singularidades identificadas em contextos semelhantes, aspectos que possibilitaram a análise comparativa de diferentes percursos de continuidade dos estudos após o Ensino Médio.

A participação na pesquisa ocorreu mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que assegurou o caráter voluntário da participação, o anonimato e a possibilidade de desistência a qualquer momento. Para preservar a identidade das participantes, foram utilizados nomes fictícios.

A experiência é o que fica, não o que passa

A conclusão do Ensino Médio, além de marcar o encerramento de uma etapa escolar, representa um período de intensas mudanças que envolvem diferentes dimensões da vida juvenil, como a acadêmica, a pessoal, a profissional, a social e a emocional. Segundo Wivian Weller (2014), esse momento é marcado pela expectativa de que os jovens elaborem projetos para o futuro e realizem as transições necessárias à sua concretização.

Para Geraldo Leão, Juarez Dayrell e Juliana Reis (2011), os projetos construídos pelos jovens são influenciados pela articulação entre desejos, habilidades, expectativas e as condições sociais em que estão inseridos. O acesso a informações e a espaços de reflexão pode favorecer a avaliação das alternativas existentes e contribuir para decisões mais conscientes. Nessa mesma direção, Ana Amélia Camarano *et al.* (2004) destacam que os jovens, como indivíduos em formação são influenciados por características pessoais,

experiências, informações e oportunidades provenientes da família e do contexto social. Esses elementos podem ampliar ou restringir as alternativas disponíveis e interferir nos caminhos que se apresentam após a conclusão do Ensino Médio.

Nesse período, a continuidade dos estudos constitui uma das possibilidades diante das quais os jovens se deparam, podendo assumir diferentes formas, como o ingresso na Educação Superior, a realização de cursos técnicos ou a inserção no mercado de trabalho. Esses caminhos, entretanto, não são definidos exclusivamente pelas aspirações individuais, uma vez que dependem também das oportunidades educacionais e das condições sociais e econômicas presentes em cada contexto.

No caso das participantes desta pesquisa, a continuidade na formação não ocorreu de maneira imediata ou linear após a conclusão do Ensino Médio. Os percursos assumiram diferentes temporalidades e formas, relacionadas tanto às aspirações das jovens quanto às oportunidades educacionais e às condições sociais e econômicas que marcaram suas experiências. Essa característica permite compreender a passagem para a formação posterior não como uma transição única e contínua, mas como um processo que pode envolver intervalos, mudanças de direção e diferentes formas de continuidade dos estudos.

Compreender essas experiências exige, contudo, ir além da descrição dos caminhos percorridos. Jorge Larrosa (2002; 2011) concebe a experiência como aquilo que atravessa e afeta o sujeito. Para o autor, é incapaz de experiência aquele a quem nada passa, acontece ou afeta. Nessa perspectiva, a experiência produz efeitos formativos e transformadores, podendo modificar a maneira como o sujeito percebe a si mesmo e aquilo que o cerca.

Para Alain Touraine (1994), a experiência constitui um processo reflexivo por meio do qual os sujeitos constroem significados e percepções sobre si mesmos e o mundo ao redor. Nessa perspectiva, as interpretações elaboradas a partir das trajetórias após o Ensino Médio foram influenciadas por estruturas sociais mais amplas, que facilitaram ou dificultaram os caminhos percorridos pelas participantes.

Larrosa (2002) ressalta, nesse sentido, que a experiência não se refere à verdade objetiva dos acontecimentos, mas ao sentido, ou ao sem-sentido, que eles adquirem para aqueles que os vivenciam. Nas narrativas analisadas,

sentimentos, memórias, expectativas e dificuldades revelam que os acontecimentos relacionados à continuidade dos estudos foram incorporados de diferentes maneiras pelas participantes. Assim, a experiência não se reduz à lembrança de acontecimentos positivos ou negativos, mas envolve os significados produzidos a partir deles.

A necessidade de deixar o município de origem para concretizar a continuidade da formação constitui um exemplo significativo. Embora as participantes tenham buscado alternativas para prosseguir os estudos, esse processo envolveu o enfrentamento de barreiras sociais e econômicas, situações desconhecidas e exigências de adaptação. As formas encontradas para lidar com essas circunstâncias contribuíram para a maneira como cada uma passou a compreender sua formação e seu futuro.

Trajetórias e desafios iniciais após o Ensino Médio

A expansão da Educação Superior no Brasil contribuiu para que muitos jovens passassem a incluir a perspectiva de uma trajetória escolar prolongada em seus projetos de vida, algo que era menos comum entre as gerações anteriores (Dayrell, 2013). Entretanto, essa ampliação das possibilidades de escolarização não ocorreu de maneira homogênea nos diferentes territórios.

Por muito tempo, o município de São Sebastião da Boa Vista não dispunha de instituições capazes de atender aos estudantes que desejavam continuar os estudos após o Ensino Médio. Diante disso, muitos jovens se viam obrigados a deixar a região marajoara em busca de oportunidades de formação, principalmente na capital do Estado do Pará.

As jovens participantes deste estudo, após concluírem o Ensino Médio, vivenciaram diferentes experiências, sobretudo no que diz respeito à tentativa de prolongar a escolarização. Bete descreveu sua trajetória nesse período da seguinte forma:

“Quando eu saí do Ensino Médio, eu comecei a trabalhar como vendedora de roupa. Só que mesmo eu trabalhando aqui, comecei um curso em Belém, curso técnico em radiologia. Eu trabalhava aqui e ia pra Belém estudar. Foi assim que eu consegui manter o curso lá” (Bete, 23 anos, técnica em Radiologia).

Bete apresenta sua trajetória por meio de uma sequência de acontecimentos. Após concluir o Ensino Médio, a jovem começou a trabalhar como vendedora e, posteriormente, iniciou um curso técnico em Radiologia, realizado em Belém. A narrativa estabelece uma relação direta entre trabalho e formação, expressa na afirmação “foi assim que eu consegui manter o curso lá”. Desse modo, apesar de estar empregada em São Sebastião da Boa Vista, Bete realizava viagens frequentes à capital para cumprir as atividades do curso.

Nesse trecho, observa-se uma trajetória marcada por determinação, empenho e coragem. Bete demonstra a persistência de uma jovem que, ao desejar obter uma formação profissional, reconheceu a necessidade de desenvolver uma estratégia para viabilizar seus estudos. Na frase “mesmo eu trabalhando aqui, comecei um curso em Belém”, ela descreve a tática adotada para conquistar o título de técnica em radiologia: permanecer em seu local de origem, mantendo o trabalho, e deslocar-se regularmente à capital do Estado para atender às exigências do curso.

O relato acima ilustra um impasse comum enfrentado por muitos estudantes recém-saídos do Ensino Médio: o desejo de prolongar a escolarização e, ao mesmo tempo, a dificuldade de acessar ou permanecer em cursos de qualificação ou formação profissional. Diante dessa realidade, muitos jovens optam por ingressar no mercado de trabalho como forma de custear a continuidade dos estudos.

A trajetória de Bete é um exemplo claro dessa dinâmica. Para ela, o emprego foi um dos principais fatores que viabilizaram a realização do curso técnico em radiologia. No entanto, é fundamental considerar também a coragem e a disposição envolvida em conciliar uma rotina dividida entre a região marajoara e a capital do Estado.

Ainda no trecho acima, Bete descreve uma rotina viabilizada por um emprego flexível, como evidencia o fragmento “eu trabalhava aqui e ia pra Belém estudar”. Sua fala reflete uma grande determinação na busca pela qualificação profissional, considerando as viagens extenuantes e os gastos com alimentação e hospedagem. Além disso, a narrativa de Bete revela os desafios enfrentados por jovens oriundos de áreas afastadas dos grandes centros urbanos, que precisam sustentar a vida estudantil longe de suas localidades de origem.

Assim como Bete, Maria também enfrentou alguns desafios em sua trajetória após o Ensino Médio. O trecho a seguir descreve suas experiências.

“Eu viajei. Eu formei família. Eu trabalhei. Construí minha casa. Construí uma vida, na verdade, porque foi bastante tempo. Eu comecei a faculdade tem uns dois anos, se eu não me engano. Eu já tinha filho quando eu voltei a estudar. Eu até resolvi estudar antes, aí eu engravidei e não tinha como. Meu filho era pequeno. Falei: não, vou adiar mais dois anos. Quando ele cresceu um pouquinho mais, eu voltei” (Maria, 26 anos, universitária).

A trajetória de Maria é marcada por mudanças significativas que influenciaram diretamente sua vida pessoal e acadêmica. Em sua narrativa, ela relata que, após concluir o Ensino Médio, viajou, constituiu uma família, trabalhou e adquiriu uma residência. No questionário socioeconômico, mencionou ainda a mudança para Belém, onde frequentou um curso preparatório para o vestibular².

Maria descreve sua experiência com viagens e o ingresso no mercado de trabalho, mas dá ênfase principalmente à constituição de sua família, destacando a gravidez e o nascimento de seu filho. Para ela, o período entre a conclusão do Ensino Médio e o ingresso na universidade, que durou cerca de cinco anos, pareceu muito mais longo. Na frase “construí uma vida, na verdade, porque foi bastante tempo”, Maria expressa que, ao formar uma família, ter um filho e adquirir uma casa, em um tempo relativamente comum, considerando os costumes da população de São Sebastião da Boa Vista, ela assumiu tantas responsabilidades que passou a perceber esse intervalo como muito mais extenso.

No trecho destacado, Maria compartilha sua tentativa de continuar os estudos após a conclusão do Ensino Médio. A frase “eu até resolvi estudar antes, aí eu engravidei e não tinha como. Meu filho era pequeno” revela a maternidade como o principal fator que a levou à interrupção de seus estudos pela segunda vez. Isso também ilustra as dificuldades enfrentadas por jovens mulheres que,

² De acordo com Maria, alguns imprevistos a obrigaram a retornar à região marajoara, poucos meses após a mudança para Belém. Esse período é considerado tão irrelevante que ela sequer o vê como uma tentativa de dar prosseguimento aos estudos logo após a conclusão do Ensino Médio.

ao se tornarem mães, frequentemente precisam adiar ou abandonar seus planos acadêmicos.

A narrativa da Maria revela uma suspensão temporária dos estudos, provavelmente devido à falta de apoio, à impossibilidade de deixar o filho com alguém e ao aumento das responsabilidades. Maria adiou a continuidade da escolarização mais de uma vez, como indicado na frase “vou adiar mais dois anos”. Maria admite que decidiu esperar para retomar a busca por um curso de graduação apenas “quando ele cresceu um pouquinho mais”, o que ocorreu quase cinco anos após a conclusão do Ensino Médio.

Diante desses relatos, é possível observar que Bete e Maria enfrentaram desafios distintos ao tentar dar continuidade aos estudos. No caso de Bete, para financiar as despesas com o curso técnico em radiologia, ela permaneceu em São Sebastião da Boa Vista, onde trabalhou na área comercial e fez viagens frequentes para Belém, com o objetivo de cumprir as atividades acadêmicas. Assim, o ingresso imediato de Bete no mercado de trabalho foi motivado pela necessidade urgente de financiar sua qualificação profissional (Guimarães, 2004).

Em contrapartida, ao decidir iniciar um curso de graduação, Maria descobriu que estava grávida. Com as novas responsabilidades, optou por adiar os estudos. Segundo Ana Maria Urpia e Sônia Sampaio (2011), a chegada de um filho impõe desafios significativos às mulheres que buscam uma carreira acadêmica, sobretudo pela necessidade de conciliar maternidade e estudo. As autoras destacam que as demandas acadêmicas frequentemente competem com as tarefas rotineiras da maternagem, como alimentar, cuidar, brincar e levar a criança para a creche, o que gera um desafio considerável para essas mulheres. Nesse contexto, Maria priorizou o nascimento do filho, mas não renunciou ao desejo de ingressar no Ensino Superior.

Bete e Maria apresentam trajetórias marcadas por continuidades, impasses e adiamentos. Ambas desejavam dar continuidade aos estudos após o Ensino Médio. Bete iniciou e concluiu um curso técnico em radiologia, mas nunca exerceu a profissão. No momento da entrevista, ela ainda trabalhava como vendedora na mesma loja que ajudou a financiar sua qualificação profissional.

Por sua vez, Maria adiou a graduação, provavelmente devido à falta de suporte nos primeiros meses de adaptação à maternidade e à insegurança em deixar o filho sob os cuidados de terceiros. Em seu relato, Maria menciona que suspendeu temporariamente os estudos, com a intenção de retomar a busca por um curso de graduação apenas quando o filho completasse, no mínimo, dois anos de idade.

Silvana Bitencourt (2017) destaca que a vida acadêmica demanda tempo e dedicação, de modo que conciliar essa etapa com a maternidade pode gerar diferentes dilemas. Maria provavelmente refletiu sobre essa realidade, entre outros fatores, antes de priorizar os cuidados com o filho, colocando sua carreira em segundo plano.

No momento da entrevista, Maria cursava Ciências Contábeis a distância em uma instituição privada, conciliando os estudos com as responsabilidades da maternidade, as atividades domésticas e o trabalho na sua loja. Assim, configurava-se como uma jovem dividida entre a busca por ser uma profissional competente e a necessidade de corresponder às expectativas sociais ainda atribuídas à mulher no papel de mãe (Amazonas; Vieira; Pinto, 2011).

Percursos e superações na continuidade dos estudos

Os caminhos seguidos por Bete e Maria após a conclusão do Ensino Médio revelam experiências distintas. Bete optou por se qualificar em um curso técnico, enquanto Maria, depois de alguns adiamentos, ingressou no Ensino Superior em uma instituição privada. Apesar das diferenças, ambas enfrentaram obstáculos para dar continuidade aos estudos. No trecho a seguir, Bete compartilha as dificuldades que vivenciou:

“As dificuldades foram muitas, muitos perrengues na casa de outras pessoas, dificuldades pra viajar, falta de dinheiro. Em relação as viagens, o custo muito alto, agora lá, morar na casa dos outros, as dificuldades de não ter onde dormir direito, de não ter como estudar direito, de não comer direito, escolher entre estudar ou comprar comida, acho que é isso” (Bete, 23 anos, técnica em radiologia).

Bete enfrentou diversos obstáculos para continuar os estudos após o Ensino Médio, principalmente relacionados à moradia e à situação financeira. Ao se mudar para a capital do Estado, residiu com outra família, o que lhe trouxe dificuldades pela falta de um espaço tranquilo para dormir e estudar. Somavam-se a isso os altos custos de viagens, alimentação e outras despesas decorrentes da vida longe de seu município de origem.

O trecho revela uma jovem ainda bastante sensibilizada pelas experiências desse período. As lembranças dos desafios enfrentados para prolongar a escolarização estão carregadas de tristeza. Entre as dificuldades mais marcantes, Bete menciona a estadia “na casa de outras pessoas”. Natural de São Sebastião da Boa Vista, precisou residir em lares de famílias locais na capital do Estado para obter qualificação profissional, experiência que, possivelmente, constituiu o primeiro de muitos empecilhos em sua trajetória.

Bete descreve um profundo sentimento de desamparo ao afirmar “não ter onde dormir direito” ou “não comer direito”, associando essas privações à frustração de “não ter como estudar direito”. O uso reiterado da palavra “direito”, revela sua vulnerabilidade e a perda de dignidade na busca por concretizar o desejo de prosseguir os estudos. A ausência de um local apropriado para descanso, alimentação e estudo evidencia carências materiais e limitações às oportunidades de desenvolvimento pessoal e educacional, sintetizados em sua frase final: “escolher entre estudar ou comprar comida”.

Essas situações são comuns entre muitos jovens de São Sebastião da Boa Vista, que, em busca de melhores oportunidades, deixam seu município de origem e frequentemente se deparam com uma realidade árdua e cruel. Diante das dificuldades, alguns conseguem permanecer na capital para alcançar seus objetivos, enquanto uma parcela significativa se vê obrigada a retornar à casa dos pais, no Marajó. No caso de Bete, embora tenha concluído o curso técnico em Radiologia, o desejo de ingressar no Ensino Superior ainda figura entre suas metas futuras.

Assim como Bete, Maria também enfrentou desafios para dar continuidade aos estudos após a conclusão do Ensino Médio. O trecho a seguir relata as experiências da jovem:

“Sim, tive dificuldades. Logo no começo eu pensei em desistir de novo, eu falei: vou esperar o meu filho crescer mais. Mas o tempo tá passando, né? Toda aquela galera que estudava comigo, todo mundo já formou e eu ainda continuo aqui. Não, eu tenho que continuar mesmo assim. Uma das coisas que eu fiz, na verdade, tive que desmamar meu filho bem cedo, com dez meses. Eu tive que desmamar ele por conta disso. Essa foi a dificuldade, por conta de ser mãe, mas hoje em dia é de boa. Ele já fica normal, não me dá mais trabalho” (Maria, 26 anos, universitária).

Maria aponta a maternidade como um fator que dificultou a continuidade de sua escolarização em determinado período. Ela destaca as dificuldades “por conta de ser mãe” e relata que, ao perceber que alguns colegas de classe do Ensino Médio já haviam se formado, interrompeu o processo de amamentação do filho para retomar os estudos no Ensino Superior.

A trajetória de Maria é marcada por um obstáculo distinto dos vividos por Bete, uma vez que enfrentou um dilema típico de uma jovem mãe dividida entre esperar o “filho crescer mais” e retomar a carreira estudantil. Para ela, a maternidade representou uma barreira para prolongar a escolarização, em razão das responsabilidades e do desafio de conciliar os cuidados à criança com as atividades acadêmicas.

No trecho acima, percebe-se que a dúvida sobre o início de um curso de graduação também estava relacionada à insegurança de se afastar do primogênito, além da preocupação em deixá-lo sob os cuidados de terceiros. Ao dizer “logo no começo eu pensei em desistir de novo”, Maria indica que, em outro momento, a vida acadêmica já havia sido colocada em segundo plano para priorizar o filho. Ela relata ter refletido sobre a continuidade dos estudos e, ao mencionar “o tempo tá passando, né? Toda aquela galera que estudava comigo, todo mundo já formou e eu ainda continuo aqui”, expressa o sentimento de atraso em relação aos colegas do Ensino Médio, que seguiram caminhos diferentes.

Na sua narrativa, Maria manifesta a sensação de estagnação, sentindo-se presa ao mesmo lugar de anos atrás, enquanto os colegas que a acompanharam no Ensino Médio seguiram em frente e conquistaram realizações significativas. Para ela, a permanência na região marajoara, a constituição da família, a aquisição de uma residência e outros marcos pessoais não são percebidos como progressos diante das realizações dos amigos. Essa

comparação emerge em sua fala como um estímulo para a retomada da trajetória acadêmica.

Bete e Maria revelam diferentes fatores que dificultaram a continuidade dos estudos após o Ensino Médio. Ao compartilhar suas experiências, Bete destaca obstáculos relacionados aos custos com viagens, moradia, alimentação, entre outros. Para custear sua formação técnica em Radiologia, ela precisou buscar um emprego. Maria Carla Corrochano (2013) aponta que a realidade da maioria dos jovens e adultos no mercado de trabalho brasileiro é marcada pela instabilidade, pelas constantes idas e vindas e pela necessidade de adaptação contínua para garantir a subsistência. A trajetória de Bete exemplifica essa condição, já que ela precisou conciliar estudo e trabalho para obter sua qualificação profissional.

No caso de Maria, a maternidade foi apontada como um dos principais obstáculos à continuidade dos estudos após o Ensino Médio. Diante das responsabilidades com o filho recém-nascido, suspendeu a carreira estudantil, retomando-a apenas quando o primogênito completou dois anos. Urpia e Sampaio (2009) observam que, mesmo entre casais jovens que dividem as tarefas domésticas, a mulher ainda carrega a responsabilidade pelo cuidado da casa e dos filhos, o que leva muitas a optar por jornadas parciais, flexibilização de horários e interrupções temporárias na vida acadêmica.

A trajetória de Maria pode ser caracterizada, segundo Ana Amélia Camarano et al (2004), como uma transição não linear, pois não segue a lógica de uma sequência contínua e previsível. Sua decisão de retomar a carreira estudantil, motivada pela percepção de que muitos colegas do Ensino Médio já haviam concluído a graduação, revela um sentimento de estagnação, marcado pela sensação de atraso e ausência de avanços. Esse tipo de experiência, embora individual, expressa um fenômeno coletivo, mais comum e perturbador na vida de jovens do que se costuma imaginar.

Nesse sentido, a análise de Larrosa (2002; 2011) contribui para compreender essa percepção, ao discutir a concepção de tempo como valor ou mercadoria. No caso de Maria, a pressão para “não perder tempo” e “não ficar para trás” insere-se nesse quadro, em que os jovens sentem a necessidade de aproveitar cada momento e acompanhar o ritmo acelerado dos acontecimentos, sob pena de se verem em desvantagem em relação aos amigos.

Inconstâncias: entre projetos, interrupções e retomadas

A análise comparativa das narrativas de Maria e Bete permitiu identificar um modelo de orientação marcado pela não linearidade dos percursos após a conclusão do Ensino Médio. Embora ambas tenham elaborado projetos de continuidade da formação, a concretização desses projetos ocorreu por caminhos distintos e foi atravessada pelas condições sociais, econômicas e pessoais encontradas ao longo de suas trajetórias. Nesse sentido, o modelo de orientação denominado “inconstância” refere-se aos movimentos de continuidade, interrupção, adiamento e reorganização dos projetos diante das possibilidades e limitações presentes em cada percurso.

Nas duas trajetórias, a intenção de continuar os estudos permaneceu presente, mas sua realização exigiu a construção de estratégias diante das circunstâncias vivenciadas. Bete ingressou no mercado de trabalho após a conclusão do Ensino Médio e utilizou os recursos obtidos com o emprego para custear a formação técnica em radiologia, realizada em Belém. Para isso, precisou conciliar trabalho, estudos e deslocamentos entre São Sebastião da Boa Vista e a capital do Estado, além de enfrentar dificuldades relacionadas à moradia, alimentação e transporte. A formação foi concluída, mas o percurso profissional posterior não correspondeu diretamente ao projeto de qualificação, uma vez que, no momento da entrevista, Bete permanecia trabalhando como vendedora. O desejo de prosseguir os estudos em nível superior, por sua vez, continuava presente.

A trajetória de Maria apresenta outra configuração. Após concluir o Ensino Médio, a jovem passou por mudanças relacionadas ao trabalho, à constituição da família e à maternidade. A tentativa de iniciar a graduação foi interrompida pela gravidez e pelas responsabilidades decorrentes do nascimento do filho. O adiamento dos estudos, contudo, não significou o abandono do projeto de formação. Quando considerou que o filho estava maior, Maria retomou a trajetória acadêmica e, no momento da entrevista, cursava Ciências Contábeis, conciliando a formação universitária com a maternidade, o trabalho e as atividades domésticas. Diferentemente de Bete, portanto, sua trajetória envolveu um adiamento da graduação e posterior retomada, configurando outro modo de reorganização do projeto de continuidade dos estudos.

Embora as situações vivenciadas pelas participantes sejam distintas, a comparação entre as narrativas evidencia uma aproximação fundamental: a permanência do projeto de formação mesmo diante da necessidade de modificar os caminhos inicialmente imaginados. Em Bete, a continuidade dos estudos foi viabilizada pela articulação entre trabalho, deslocamento e formação técnica; em Maria, a maternidade levou ao adiamento da graduação, posteriormente retomada. Os percursos, portanto, não seguiram uma sequência contínua entre conclusão do Ensino Médio, ingresso na formação profissional e consolidação de uma carreira. Ao contrário, foram constituídos por movimentos de aproximação e afastamento em relação aos projetos inicialmente formulados.

A “inconstância” identificada nas duas narrativas não deve, portanto, ser compreendida como ausência de objetivos, falta de determinação ou instabilidade dos desejos. O que se observa é uma relação dinâmica entre projetos e condições concretas de vida. As participantes precisaram adaptar seus caminhos às possibilidades disponíveis, seja por meio do trabalho e dos deslocamentos necessários à formação, seja pelo adiamento dos estudos diante das responsabilidades decorrentes da maternidade. A continuidade da escolarização aparece, assim, menos como uma trajetória previamente definida e mais como um percurso construído e reconstruído a partir das circunstâncias encontradas.

Essa compreensão também permite retomar a noção de experiência discutida anteriormente. As dificuldades, os deslocamentos, o trabalho, a maternidade e as interrupções não constituíram apenas acontecimentos situados em determinado período da vida das participantes. Ao serem narrados e interpretados, adquiriram significados relacionados às escolhas realizadas, às possibilidades percebidas e aos projetos mantidos ou reorganizados. A experiência, nesse sentido, participa da maneira como cada jovem interpreta o próprio percurso e atribui sentido às mudanças ocorridas após o Ensino Médio.

A análise das duas trajetórias evidencia, desse modo, que as condições sociais e econômicas não anulam a capacidade de ação das participantes, mas delimitam e reconfiguram as possibilidades de concretização de seus projetos de vida. Maria e Bete elaboraram estratégias para permanecer vinculadas à formação, ainda que por caminhos diferentes e em tempos distintos. A “inconstância” expressa justamente essa dinâmica: os projetos permanecem,

enquanto os caminhos para realizá-los se modificam conforme as circunstâncias da vida.

Considerações finais

Este artigo analisou as narrativas de duas jovens marajoaras, buscando compreender as experiências, dificuldades e desafios relacionados à continuidade dos estudos após a conclusão do Ensino Médio. A análise comparativa das trajetórias possibilitou identificar o modelo de orientação denominado “inconstância”, caracterizado pela não linearidade dos percursos e pela necessidade de reorganizar projetos diante das condições concretas encontradas ao longo da vida.

As narrativas evidenciaram que ambas mantiveram o projeto de continuidade da formação, embora tenham seguido caminhos distintos para concretizá-lo. Bete ingressou no mercado de trabalho e articulou trabalho, deslocamentos e formação técnica em radiologia, enfrentando dificuldades relacionadas à moradia, alimentação, transporte e custos de permanência em Belém. Maria, por sua vez, teve a continuidade dos estudos adiada em razão das responsabilidades relacionadas à maternidade, retomando posteriormente a formação universitária e conciliando os estudos com o trabalho, as atividades domésticas e o cuidado do filho.

As diferenças entre os percursos não anulam as aproximações identificadas na análise. Em ambas as trajetórias, a continuidade da formação esteve relacionada à capacidade de elaborar estratégias diante das condições sociais, econômicas e pessoais encontradas. A não linearidade, portanto, não decorreu da ausência de projetos ou de interesse pelos estudos, mas da necessidade de ajustar os caminhos para sua concretização. Em Bete, a formação foi viabilizada pela articulação entre trabalho e estudo; em Maria, o projeto de graduação foi adiado e posteriormente retomado diante das responsabilidades decorrentes da maternidade.

O modelo de orientação “inconstância” expressa, assim, uma dinâmica na qual os projetos permanecem, enquanto os caminhos para realizá-los se modificam conforme as circunstâncias da vida. As experiências vivenciadas após o Ensino Médio não podem ser compreendidas apenas como resultado de

decisões individuais, uma vez que se constituem na relação com oportunidades, limitações e expectativas presentes nos contextos sociais em que as participantes estão inseridas. Ao mesmo tempo, as narrativas evidenciam a capacidade de ambas de elaborar estratégias, reorganizar seus projetos e atribuir novos sentidos às experiências vividas.

Desse modo, as trajetórias analisadas revelam que a continuidade da formação não se configura necessariamente como um percurso linear entre a conclusão do Ensino Médio e a inserção profissional. Para Bete e Maria, os caminhos foram marcados por deslocamentos, adiamentos, conciliações e retomadas, sem que isso significasse o abandono dos projetos de formação. A “inconstância” permite compreender justamente essa relação entre permanência dos projetos e transformação dos caminhos, evidenciando como as experiências vividas após o Ensino Médio participam da construção dos percursos acadêmicos, profissionais e pessoais.

Referências

AMAZONAS; M. C. L. A.; VIEIRA, L. L. F.; PINTO, V. C. Modos de Subjetivação Femininos, Família e Trabalho. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2011, n. 31, v. 2, 314-327.

BITENCOURT, Silvana Maria. Maternidade e universidade: desafios para a construção de uma igualdade de gênero. **41 Encontro anual da ANPOCS**. Caxambu, 2017.

CAMARANO, A. A.; MELLO, J.; PASINATO, M. T.; KANSO, S. **Caminhos para a vida adulta**: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CORROCHANO, M. C. Jovens trabalhadores: expectativas de acesso ao Ensino Superior. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 18, n. 1, p. 23-44, mar. 2013.

DAYRELL, J. A Juventude e Suas Escolhas: as relações entre projeto de vida e escola, *In*: VIEIRA, M. M. *et al.* (orgs.). **Habitar a Escola e as Suas Margens**: Geografias Plurais em Confronto. Porto Alegre: Instituto Politécnico de Portalegre, 2013.

GUIMARÃES, N. “Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil”, in ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro (orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira**: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022: Panorama do Censo 2022** – São Sebastião da Boa Vista (PA). Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?localidade=1507706> . Acesso em: 05 mai. 2026.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

LARROSA, J. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, nº. 2, p.4-27, jul/dez, 2011.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, jan/fev/mar/abr, n. 19, p. 20-28, 2002.

LEÃO, G.; DAYRELL, J. T.; REIS, J. B. Jovens olhares sobre a escola do Ensino Médio. **Cadernos Cedes**, Campinas, vol. 31, n. 84, p. 253-273, mai/ago, 2011.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SOUZA, E. C. **O conhecimento de si**: narrativas do itinerário escolar e formação de professores. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

TOURAINÉ, A. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.

URPIA, A. M. O; SAMPAIO, S. M. R. Mães e universitárias: transitando para a vida adulta. *In*: SAMPAIO, S. M. R. **Observatório da vida estudantil**: primeiros estudos. Salvador: EDUFBA, 2011.

URPIA, A. M. O; SAMPAIO, S. M. R. Tornar-se mãe no contexto acadêmico: dilemas da conciliação maternidade - vida universitária. **Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras**, vol. 3, n. 2, p. 30-43, 2009.

WELLER, W. *et al.* Karl Mannheim e o Método Documentário de Interpretação: uma forma de análise das visões de mundo. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. XVIII, n. 2, jul/dez, p. 375-396, 2002.

WELLER, W. Jovens no Ensino Médio: Projetos de Vida e Perspectivas de Futuro. *In*: CARRANO, P.; DAYRELL, J.; MAIA, C. L. **Juventude e Ensino Médio**: Sujeitos e Currículos em Diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

WELLER, W.; ZARDO, S. P. Entrevista narrativa com especialistas: aportes metodológicos e exemplificação. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 131-143, jul/dez, 2013.

Editor(a) responsável: Joelson de Sousa Morais

Recebido em: 10/09/25

Aceito em: 05/08/26

Angélica Paula Ferreira Gomes

Doutoranda na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Pesquisa trajetórias e experiências de jovens migrantes na Educação Superior, com interesse nos processos de transição e integração à vida universitária, incluindo acesso e permanência.

 angelicapaula@usp.br

 <http://lattes.cnpq.br/0953248932059335>

 <https://orcid.org/0000-0001-9934-4871>

Lucélia de Moraes Braga Bassalo

Doutora em Educação. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará – PPGED/UEPA.

 lucelia.bassalo@uepa.br

 <http://lattes.cnpq.br/6941089571024585>

 <https://orcid.org/0000-0002-0412-6052>